

## **Jornal O Populacho: A Importância do jornal laboratorial na academia<sup>1</sup>**

Caroline Carneiro BRANDÃO<sup>2</sup>  
Dayane Silva BORGES<sup>3</sup>  
Izabella Veronica Silva MENDES<sup>4</sup>  
Michel da Silva GOMES<sup>5</sup>  
Rosana Maria Ribeiro BORGES<sup>6</sup>  
Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO

### **RESUMO**

O presente artigo foi elaborado com o objetivo de abordar o desenvolvimento do Jornalismo, a importância do Jornal Laboratório na formação do Jornalista e na Academia e a trajetória do curso de Jornalismo na Universidade Federal de Goiás, por meio da análise do jornal laboratorial “O Populacho”, de 1995. As referências vivas, e presentes no texto, Nilton Rocha e Luciene Dias, orientador e escritora das edições analisadas, mostram como a vida acadêmica é impactada pelo jornal laboratorial. Com objetivo de mostrar como funcionava a produção do jornal, O Populacho, dar visibilidade e ligar à História da Imprensa, foi feita por meio de uma análise do periódico considerando o papel fundamental que exerceu no processo do fazer história na Faculdade de Informação e Comunicação (FIC).

**PALAVRAS-CHAVE:** Jornal Laboratório; O Populacho; História da Imprensa; Jornalismo UFG; Pesquisa histórica.

### **INTRODUÇÃO**

Projetos laboratoriais existem para aperfeiçoar as técnicas que aprendemos na teoria e para moldurar uma forma única de trabalho naquilo que escolhemos como profissão. O principal objeto de estudo do presente artigo é o jornal O Populacho, jornal laboratorial que existiu no Departamento de Comunicação (DECOM) do Instituto de Ciências Humanas e Letras (ICHL), no ano de 1995. Com um jornalismo peculiar e diferente o jornal

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste realizado de 19 a 21 de maio de 2016.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 5º período do Curso de Jornalismo da FIC-UFG, email: [carolinecarneiro2@hotmail.com](mailto:carolinecarneiro2@hotmail.com)

<sup>3</sup> Estudante de Graduação 5º período do Curso de Jornalismo da FIC-UFG, email: [dayaneborges.ds@gmail.com](mailto:dayaneborges.ds@gmail.com)

<sup>4</sup> Estudante de Graduação 7º período do Curso de Jornalismo da FIC-UFG, email: [izabella.veronica@hotmail.com](mailto:izabella.veronica@hotmail.com)

<sup>5</sup> Estudante de Graduação 5º período do Curso de Jornalismo da FIC-UFG, email: [imichelgomes@gmail.com](mailto:imichelgomes@gmail.com)

<sup>6</sup> Orientadora do trabalho. Professora Dra. do Curso de Jornalismo da FIC-UFG, email: [rosnaborges.ufg@gmail.com](mailto:rosnaborges.ufg@gmail.com)

laboratorial se propunha a publicar textos dos alunos que cursavam, na época, a disciplina de PTJ I (Produção de Texto Jornalístico).

O jornal apresenta em sua composição reportagens, sátiras a assuntos emblemáticos presenciados pelos alunos da FIC e da UFG, em geral. Gerenciado pelo professor Nilton José Rocha<sup>7</sup>, o jornal tinha um aspecto físico diferente dos demais jornais daquela época. As edições analisadas são de outubro e novembro de 1995, sendo essas a edição de número 1, e a edição de número 2.

Outro objetivo desse estudo é mostrar como funcionava a produção do jornal laboratorial, O Populacho, em meio a dificuldades sofridas pela faculdade e como o jornalismo feito por esses estudantes afetou e afeta, de certa forma, a visão das pessoas no âmbito acadêmico.

Durante a análise do periódico é mostrado a estrutura de texto e a linguagem utilizada pelos integrantes do jornal, além de mostrar os principais assuntos abordados nas duas edições do final de 1995. Um dos propósitos do estudo é dar visibilidade ao Jornal que não é conhecido pelos atuais estudantes e que, nem mesmo sabem de sua existência.

É importante ressaltar, que na pesquisa foi constatada a atualidade das reportagens frias, apesar do jornal ter sido escrito há mais de 20 anos os assuntos estão em discussão até hoje. Este artigo será o primeiro registro sobre o que foi o jornal nos anos de 1995 e como estão alguns dos alunos, agora jornalistas, daquela época.

Um ponto importantes foi mostrar qual era a inquietação dos alunos e por que eles escreviam um jornalismo de forma diferente. Os textos usados como referência são textos sobre a História da Imprensa em geral, artigos sobre jornais laboratoriais e a sua importância dentro da faculdade, principalmente de comunicação.

A metodologia utilizada se deu a partir da análise de duas edições do jornal laboratorial O Populacho, de textos referentes à jornais laboratoriais e sua importância. A análise dos conteúdos do jornal, como se constitui cada reportagem e sobre os assuntos abordados em cada uma, foram elementos importantes da pesquisa, além de ressaltar o eixo central e como eram expostos assuntos emblemáticos e que acontecem até hoje no meio acadêmico.

## **DESENVOLVIMENTO DO JORNALISMO NO MUNDO**

---

<sup>7</sup> Nilton José Rocha, jornalista e professor do curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Goiás.

A difusão de informações por profissionais da área de comunicação começou a partir das trocas de mercadorias lá no fim da Idade Média. É um período de intensas mudanças, que proporcionaram todo o cenário propício para o surgimento do Jornalismo. A sociedade feudal progredia lentamente para o sistema capitalista, e a primeira premissa para tal foi à troca de mercadorias, obtendo lucro com a mais-valia. Além disso, o fato das organizações políticas diminuírem transformou a Europa (THOMPSON,1999).

Cada estado-nação agora possuía seu próprio poder coercitivo, seu exército, tanto para obter mais propriedades ou para se defender de ataques. Os estados-nações precisam afirmar seu território e seu povo tanto com a força (o poder coercitivo) quanto com a criação da cultura, das tradições e do sentimento de pertencimento do povo, o poder simbólico. Para que esses valores fossem disseminados e mantidos, o uso dos tipos móveis foi crucial (THOMPSON, 1999). Nesse momento, a impressão torna-se muito importante. John B. Thompson em seu texto *Mídia e Modernidade* vai dizer que,

Em virtude de uma série de inovações técnicas associadas à invenção da impressão, e conseqüentemente, à codificação elétrica da informação, as formas simbólicas começaram a ser produzidas, reproduzidas e distribuídas numa escala sem precedentes. Os modelos de comunicação e interação se transformaram de maneira profunda e irreversível (THOMPSON,1999, p. 49).

Há agora uma inversão na maneira de pensar. O ser humano agora preocupa-se mais consigo do que com a religião, o pensamento racional é celebrado e o mercado se apodera da sociedade. Produção e intercâmbio. Os trabalhadores sentem a necessidade de saber o que passa-se à sua volta, e a demanda por informações aumenta, Além disso, há curiosidade em conhecer o que se diz sobre as américas, sobre as terras recém-descobertas (THOMSON, 1999).

Assim, o jornal foi crescendo com a grande contribuição dos tipos móveis, uma das invenções mais transformadoras na humanidade. É o que Thompson (1999, p.49) chama de “mediação da cultura”. E ainda destaca que estas técnicas foram exploradas pelas oficinas de impressão montadas como empresas comerciais. Seu sucesso e sua sobrevivência dependeram da capacidade de mercantilizar formas simbólicas (TOMPSON,1999, p.54).

Com o passar dos séculos, os jornais tornaram-se mais brandos e abertos para outros públicos, já que sua circulação aumentava. Se o Jornalismo teve sua fase quase em sua maioria opinativa, com jornais criados para defender uma posição política, econômica de certo grupo, a industrialização e globalização contribuíram para que ele tenha hoje os ideais de objetividade e imparcialidade, uma teoria funcionalista que domina os veículos de

comunicação. Atualmente, há muitas críticas sobre até que ponto a ideia de “imparcialidade” orienta os principais veículos, como a Escola Sul-Americana (THOMSON, 1999).

## **CONSIDERAÇÕES SOBRE O DESENVOLVIMENTO DO JORNALISMO NO BRASIL E EM GOIÁS**

A imprensa chegou tardia, apenas em 1808, com a família Real portuguesa migrando para a colônia. Antes disto não havia Jornalismo, e os motivos para explicar tal fato são vários. Segundo José Marques de Melo, no livro História social da imprensa no Brasil: fatores socioculturais que retardaram a implantação da imprensa no Brasil, a imprensa era desnecessária e socialmente inútil na colônia portuguesa, cujo processo de desenvolvimento social foi bastante lento. Segundo ele, como as indústrias eram poucas, não existiam concentrações urbanas nem universidades, as condições para o crescimento de jornais eram bem precárias. Além disso, todo material produzido deveria ser mandado para Portugal antes, o que burocratizava o processo. (MELO, 2003, p.186)

Essa análise contrapôs-se a várias outras antes dela, como a de Werneck Sodré (1966), que afirmava não haver imprensa antes da família real pela ausência de atividade capitalistas na colônia. Então em 13 de maio de 1808 nasceu a imprensa no Brasil com a criação da Imprensa Régia, hoje intitulada como Imprensa Nacional. O primeiro jornal impresso em território nacional foi o “Gazeta do Rio de Janeiro”, e o primeiro jornal brasileiro foi o “Correio Braziliense” (MELO, 2003).

Em 1811 nascia uma das primeiras tipografias do Brasil, na Bahia, e em 1817, outra em Pernambuco, que sucumbiu com a Revolução Pernambucana. Para o jornalista Carlos Rizzini, houveram três fases da imprensa no Brasil: a primeira entre 1808 e 1811, entre breve fase em 1821 e a terceira entre 1824 a 1852, todas marcadas pela presença de jornais iluministas, antiescravagistas, revolucionários e contra a Coroa (MELO, 2003).

Dentre esses jornais inovadores estava a Matutina Meiapontense representando a região central do Brasil em cinco de março de 1830. Era assumidamente republicano e prezava pelo reconhecimento da província no resto do país. Quase noventa anos depois vinha A Informação Goyana em 1917, trazendo uma forma diferente de chamar a atenção. Em seus papéis havia reportagens exuberando as coisas boas de Goiás (NEPOMUCENO, 1998).

Conforme o artigo de Nepomuceno, como tinham como influência o positivismo e o desenvolvimentismo, tinha caráter informativo. Divulgavam muito sobre os recursos naturais, culturais, históricos, sociais, geográficos, cartográficos, entre outros. Isso atraiu a atenção de muitas pessoas para o Centro-Oeste, o que contribuiu para a Marcha para o Oeste. Além de ter em seu conteúdo a presença do jornalismo literário, A Informação Goyana questionava os valores eurocentristas, elitistas e do litoral. Extremamente vanguardistas, também divulgavam a ideia da capital ser no Centro-Oeste mesmo quarenta anos antes da instalação de Brasília (NEPOMUCENO, 1998).

Para Maria de Araújo Nepomuceno no artigo A Informação Goyana: seus intelectuais, a história e a política em Goiás (1917-1935),

O grupo de intelectuais que produziu A Informação Goyana pretendeu por meio dela imiscuir-se na vida prática com intenções que ultrapassavam o âmbito da divulgação de uma visão de Goiás. Dizer isso significa afirmar que a revista, apesar de insinuar-se apenas como informativa era de fato uma revista de opinião, ou seja, o que ela pretendia não era apenas informar, mas principalmente formar uma certa consciência sobre Goiás. Assim, defendeu que este estado era apenas possibilidade, e, sobretudo, promessa para os que dispusessem de recursos e que quisessem com eles contribuir para o seu progresso social, e, por conseguinte, para o progresso do País (NEPOMUCENO, 1998, p.3).

Todos esses jornais contribuíram muito para a criação do curso de Jornalismo pois mostram como para exercer a profissão é preciso técnica e ética. A informação atualmente é mercadoria, e cada vez mais consumida pelos leitores, por isso, deve atender a todas as classes e regiões, além de ser concisa e imparcial. Com toda a demanda de jornais de qualidade para uma sociedade que baseia-se, basicamente, no que lê ou vê na televisão, o curso tornou-se necessidade (NEPOMUCENO, 1998).

## **A IMPORTÂNCIA DO JORNAL LABORATORIAL NA FORMAÇÃO DO JORNALISTA**

Os projetos laboratoriais são indispensáveis na formação do jornalista na universidade, e sem dúvida uma das partes mais aguardadas pelos estudantes. É ali que os universitários convivem com a prática, com o mercado de trabalho e decidem a área a seguir, se sentem mais afinidade pelo impresso, pelo audiovisual, pela rádio ou internet.

A prática do jornalismo impresso na graduação é um desenvolvimento de aprendizagem que contribui fielmente na formação do indivíduo. O ato de sugerir pautas, colocá-las em prática e participar da publicação contribui para que o estudante de Jornalismo sintam e assimilem com o processo de desenvolvimento e dia a dia de uma redação, isso

dará a ele não só uma perspectiva sobre o mercado de trabalho, mas também a decisão sobre se identificar ou não com viés impresso da prática jornalística (SPENTHOF, 1998).

Segundo Vieira Júnior,

O jornal-laboratório constitui espaço essencial de ensino aprendizagem para a formação de jornalistas na universidade. Sua função é a de criar ambiente propício para a reprodução dos processos jornalísticos, em situações práticas, vivenciadas pelos alunos, das quais os professores extraem evidências para explicar as teorias que embasam a profissão (VIEIRA, 2002, p.100).

Diferentemente de jornais com grande circulação, o jornal laboratorial fornece ao estudante a experimentação. Como o público é heterogêneo e a liberdade de criação é maior, a prática permite testar as habilidades que cada aluno tem ao escrever; as linhas editoriais são flexíveis e os padrões de diagramação podem ser renovados de tempos em tempos, uma vez que este tipo de veículo não está à mercê de grandes patrocinadores, que por deveras “ditam” o que deve ou não ser publicado em muitos impressos de grande circulação (SPENTHOF, 1998).

Outro fator pertinente que o jornal laboratorial proporciona é a credibilidade. Por não estar diretamente ligado a entidades financeiras e patrocínios, como já citado, a veracidade dos fatos se torna quase livres de contestação. Tendo visto todas estas possibilidades, é necessário levar em conta também os deveres sociais de um jornal laboratorial. É preciso que o jornal cumpra algumas tarefas para que ele de fato seja levado a sério. Vieira Júnior ressalta que,

A existência de um jornal laboratório nos cursos de jornalismo é imprescindível. Porém, isso não significa que qualquer projeto é condição suficiente. Tem que ter público definido, periodicidade respeitada, para que o aluno acredite que realmente ele existe e que o leitor o tenha como fonte de informação segura e confiável. (VIEIRA, 2002, p.100).

Leva-se em conta também a importância e papel para com a sociedade. Apesar de flexível o jornal laboratorial deve possuir uma identidade, algo que lhe identifique como tal a serviço de seu público e que ser “externalizado”, ou seja, ele não se deve resumir a assuntos da comunidade universitária, ele deve abranger também o público de fora dela, bem como bairros adjacentes à universidade, problemas políticos e urbanos, assim como explica Vieira Júnior (2002, p.97):

O conteúdo do jornal-laboratório deve se voltar para assuntos de interesse da comunidade em que ele está inserido ou mesmo para grandes reportagens. A valorização de temas regionais mostra que o jornal-laboratório não é apenas um

treinamento meramente laboratorial, mas que pode levar o aluno a se posicionar de forma crítica e refletir sobre a sociedade.

Com isso, pode-se dizer que a prática do jornal laboratorial dentro da universidade torna-se de suma importância para o processo de formação do acadêmico, tanto no âmbito profissional como no pessoal, tendo em vista que o próprio pode e deve se tornar um veículo formador de opinião. O jornal de laboratório permite que o aluno entre em contato com aquilo que ele possui maior afinidade ajudando-o assim à encontrar a sua identidade jornalística.

## **O CURSO DE JORNALISMO FIC/UFG**

Criado em 30 de setembro de 1966, o curso de jornalismo na Universidade Federal de Goiás (UFG) passou por várias etapas de desenvolvimento até a atualidade. A Resolução nº 015/66, de 30 de setembro de 1966, instituiu a formação em jornalismo e agregou o curso ao antigo Instituto de Ciências Humanas e Letras (ICHL). (MAIA, 2010)

Para entender a longa trajetória, desde a criação até o reconhecimento pelo Ministério da Educação, é preciso analisar a necessidade que ocasionou tal momento. Com a criação da Associação Goiana de Imprensa (AGI) em 10 de setembro de 1934, levantaram-se algumas preocupações, principalmente com a formação profissional do jornalista. (MAIA, 2010)

Em 14 de abril de 1959 foi criado o Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado de Goiás, com isso, a pressão para a formação profissional aumentara. O reitor da UFG no período, Colemar Natal e Silva, promoveu encontros com os profissionais da imprensa, para a possibilidade de criação do curso de jornalismo na universidade goiana. O impedimento veio cedo, em 1964 com o golpe militar, todas chances foram extinguidas. (MAIA, 2010)

Durante o período de paralisação do projeto ocorreram algumas mudanças na universidade, o reitor Colemar Natal e Silva é substituído pelo professor José Martins D'Alvarez, que em cerca de um ano cede o cargo para Jerônimo Geraldo de Queiroz. (DIAS, BERNARDES, 2016)

Jerônimo Geraldo de Queiroz, o novo reitor, causou preocupação em Walter Menezes, presidente da AGI, pois era favorável à União Democrática Nacional (UDN), partido conservador, que no golpe foi incorporado a Aliança Renovadora Nacional (DIAS, BERNARDES, 2016).

A preocupação de Menezes foi em vão, o reitor viabilizou a criação do curso. A Resolução nº 015/66, de 30 de setembro de 1966, instituiu a formação em jornalismo e ligava o curso ao Instituto de Ciências Humanas e Letras (ICHL). (DIAS, BERNARDES, 2016).

Em 1968 com a oficialização e aprovação do projeto foi realizado o primeiro vestibular. 80 inscritos concorreram às 30 vagas, porém apenas nove matricularam-se, e desses apenas quatro se formaram, sendo eles Marly Brasil, Reynaldo Rocha, Luiz Otávio Soares e Braz Wilson Pompeo de Pina (DIAS, BERNARDES, 2016).

Após a criação os problemas não acabaram, diversas grades curriculares foram implantadas, de Brasília vinham orientações de funcionamento dos cursos de Comunicação. O responsável pela estruturação administrativa e acadêmica do curso foi o professor Antônio Maia Leite, que também concorreu para as vagas do corpo docente. O professor exerceu um papel importante na valorização do curso. Antônio Maia Leite foi o precursor na luta pela transformação do Departamento em Faculdade, como forma da área ganhar autonomia e dirigir seus próprios rumos (MAIA, 2010, p. 12).

Um passo decisivo para a valorização do curso foi a compra de equipamentos para os laboratórios, pois como explica Joômar Carvalho (1998), em seu artigo Trajetória e desafios de comunicação em Goiás, os laboratórios eram exigências oficiais e condição sine qua non<sup>8</sup> para o credenciamento do curso de jornalismo, mas nunca havia previsão orçamentária para viabilizar suas aquisições (CARVALHO, 1998, p.145-146).

Os equipamentos foram liberados após ajuda política, como explica MAIA, 2010:

A outra grande batalha do curso foi pela aquisição de equipamentos para os laboratórios (fotografia, redação, radiojornalismo e telejornalismo). Isto tinha uma razão de ser: sem os laboratórios, o curso não seria reconhecido. Algumas turmas já estavam no mercado de trabalho, mas sem a habilitação. Além do intenso trabalho dos quadros da própria universidade, o curso ganhou um bom aliado, na pessoa do deputado estadual Wander Arantes de Paiva, então aluno de Jornalismo. Político de trânsito em Brasília, ele juntou-se esforços do Departamento, conseguindo sensibilizar o então ministro da Educação, que liberou as verbas necessárias aos laboratórios (MAIA, p. 12 - p.13).

Em 5 de novembro de 1975 o curso foi reconhecido pelo Ministério da Educação e desde então evolui e é referência.

O curso de jornalismo da UFG está entre um dos melhores do nosso País. A universidade está sempre intensificando e dinamizando sua estrutura e seus laboratórios, que são de extrema importância para a maturidade do aluno no

---

<sup>8</sup> Sine qua non é uma expressão que originou-se do termo legal em latim que pode ser traduzido como “sem a/o qual não pode ser”. Refere-se a uma ação cuja condição ou ingrediente é indispensável e essencial.

exercício da profissão. Os anos se passaram, mas as conquistas na academia se ampliam dia após dia. Verdadeiramente, o curso de Jornalismo é pautado, constantemente, pelo aprimoramento e pela ética profissional (CURSO, 2016).

Agora, em 2016, o curso completa 50 anos e dá mais um passo para as melhorias, não sendo mais uma habilitação da Comunicação e se tornado um Bacharel em Jornalismo. “O Jornalismo da UFG, enfim, pode respirar com vitalidade, como um ser inteiro e completo, e não mais, parte atrelada às habilitações da área de Comunicação. (MAIA; PAVAN; FARIAS, 2015, p. 7).

## O POPULACHO

Com uma linguagem simples, quase literária, os alunos desaguavam suas inquietações em um jornal que se propunha a informar e dar visibilidade aos assuntos que interessavam, não só acadêmicos como também a população em geral.

Os alunos inquietos em produzir apenas sobre um setor ou sobre algo banal na faculdade, queriam mais. Expor suas produções e mostrar assuntos que interessassem à população, os alunos produziam textos, com esforço de objetividade, sem que fosse valor absoluto. Tinham a noção clara de que a técnica específica servia para ser domada ao estilo de narrar de cada um e não ao contrário.

O professor Nilton José Rocha, famoso por suas falas sobre a querência do ser humano e a vontade de fazer um jornalismo compartilhado, vai dizer que o jornal O Populacho era rico em fazer informações que pudessem ser compartilhadas e entendidas por qualquer um. Nilton José Rocha diz que,

Escrevemos a partir de uma necessidade de comunicação e de comunhão com os demais, para denunciar o que dói e compartilhar o que dá alegria. Escrevemos contra a nossa própria solidão e a solidão dos outros. Supomos que a literatura transmite conhecimento e atua sobre a linguagem e a conduta de quem a recebe; que nos ajuda a conhecer-nos melhor para salvar-nos juntos. Mas "os demais" e "os outros" são termos demasiado vagos; e em tempos de crise, tempos de definição, a ambiguidade pode se parecer demais à mentira. Escrevemos, na realidade, para as pessoas com cuja sorte, ou azar, nos sentimos identificados. Os que comem mal, os que dormem mal, os rebeldes e humilhados desta terra, e a maioria deles não sabem ler. Entre a minoria que sabe, quantos dispõem de dinheiro para comprar livros? Pode-se resolver esta contradição proclamando que escrevemos para essa cômoda abstração chamada "massa"?<sup>9</sup>

---

<sup>9</sup> Entrevista realizada no dia 16 de fevereiro, por Dayane Borges.

O jornal laboratorial O Populacho era desenvolvido por alunos da disciplina de produção de texto jornalístico, mas que faziam textos a parte, no ano de 1995, com a orientação do professor Nilton Rocha.

Escrever textos jornalísticos com o cunho de informar a faculdade de comunicação e posteriormente a UFG como um todo, os alunos da disciplina queriam escrever e fazer circular suas produções. Além do texto jornalístico, mais sistemático e mais engessado segundo a perspectiva de uma, às vezes, pseudo(s) objetividade e imparcialidade. Para o professor Dirceu Fernandes Lopes sob o ponto de vista pedagógico ele diz que parece não haver dúvidas da imprescindibilidade do jornal-laboratório para o aprendizado do jornalismo, principalmente em países como o Brasil, onde a legislação trabalhista veta o estágio em empresas jornalísticas. (LOPES, 1989, p.34)

O jornal O Populacho, se mostra presente em assuntos que até hoje afetam alunos da UFG. Como é o caso do Restaurante Universitário que apesar do tempo, trata os alunos da mesma maneira que há vinte anos atrás. Matérias como essa, podem ser lidas no jornal laboratorial que tinha a visibilidade e o reconhecimento dentro da faculdade.

Segundo Nilton José Rocha, o prazer do texto, como diria Roland Barthes<sup>10</sup>, ou a clareza, a certa cultura, é que o ofício do jornalista é narrar, utilizar todas formas de escritas. O Curso de jornalismo se constrói e se alimenta nesta determinada inquietação de dizer, ainda que por linhas tortas, o mundo em que se vive.

Nessa mesma entrevista, Nilton ainda completa dizendo:

O eixo principal que O Populacho mostrava, era dizer o mundo como sugere Freire. Narrá-lo ainda que correndo todos os riscos de ousar interpretar determinadas coisas. Em resumo, o eixo central era ter uma prática de jornalismo enquanto disciplina que, na época, era um valor importante dentro do debate e articulação das escolas de jornalismo, articuladas dentro da CONEJ – Comissão Nacional de Melhorias do Curso de Jornalismo, e do seu encontro, o ENOL – Encontro Nacional dos Órgãos Laboratoriais de Jornalismo.

O Populacho herda e dá continuidade ao espírito de inquietude que percorria e, de certa forma ainda percorre os corredores da faculdade, com a ânsia do fazer jornalístico diferente do que se via e se vê hoje nos jornais diários e que os estudantes e professores tentam mudar, por meio de um jornalismo diferente, o jornalismo do cidadão, o jornalismo compartilhado para os que realmente importam, o povo.

---

<sup>10</sup> Roland Barthes escritor, sociólogo, crítico literário, semiólogo e filósofo francês.

O problema, mínimo, que os alunos enfrentavam na publicação do jornal, mas que segundo o professor Nilton José Rocha, o Sr. Altair<sup>1</sup> ajudava a resolver via mecanografia<sup>11</sup>, era a impressão. Ainda segundo Nilton José Rocha, a existência do jornal em si, como resultado articulado de um processo pedagógico ajudou a superar e o jornal era impresso pelo Cegraf<sup>12</sup>.

## O QUE DIZ O POPULACHO

Bem conservado, legível. É assim que se encontram as duas edições do jornal O Populacho. Durante a pesquisa, o bom estado do jornal concedeu uma análise em que foi possível resgatar a memória vivida pelos alunos daquela época, com suas reportagens, charges e textos literários.

Com 21,5 centímetros de altura e 16,5 de largura, a segunda edição do jornal O Populacho possui 13 reportagens, 8 charges e algumas ilustrações. A segunda edição, que saiu antes da número 1, veio diagramada em 28,5 centímetros de altura e 21,5 de largura. O nome O Populacho aparece, nas duas edições, na parte superior do periódico.

Na segunda edição, o nome do jornal vem acompanhado por uma charge e uma nota intitulada “O dia em que o Cegraf faliu”. As informações institucionais estão logo abaixo do nome do jornal e dentro, na página dois, se encontram os nomes dos ex alunos, da coordenadora de curso na época Maria Beatriz e o telefone e endereço para sugestões e/ou reclamações sobre o periódico.

Sem explicação, a edição de número dois foi publicada antes da edição de número um. A pequena nota, assinada pelo professor Nilton José Rocha, logo na capa, explica o motivo da edição dois ser antes da um. Ele diz no pequeno texto,

Estranho e curioso. Mas tudo bem. Esta edição, de numero 2, circula depois da zero e, ridiculamente, antes da 1ª. É que, por razões que nem sempre se conhecem, o centro gráfico da universidade não imprimiu o número anterior, enviado no início do mês de outubro. “Falta papel”, alegam. “O ICHL deve muito e não paga”, insistem”. “Mais de 11 mil”, acrescentam até. A publicação enquanto laboratório, parece, não interessa muito. Aí, a revista foi devolvida até que... Um dia, alguém, no Cegraf, repetiu o velho discurso oficial: “Vocês estão produzindo muito”. Faltou o “assim não dá!” Do lado de cá da linha, uma voz mansa retrucou: “se fosse escola de medicina, a gente operava todo dia. Como não é, a gente escreve”. Como o Cegraf anda meio privatizado, ou ocupado com outras coisas sérias, o Altair, numa maquina de nada, garantiu a continuidade do nosso sonho. O Populacho volta, assim, para os braços da multidão. Chato, né? (ROCHA, 1995, capa).

<sup>11</sup> Máquina de datilografar, de calcular, de taquígrafar etc.

<sup>12</sup> Centro Editorial e Gráfico UFG.

Em novembro de 1995, a edição de número dois apareceu com reportagens sobre medicina alternativa, reforma administrativa, a lei do aborto, cinema em Goiás dentre outras tantas reportagens que se fazem presentes até hoje.

O nome do orientador do jornal, Nilton José Rocha, vem juntamente com as informações institucionais, na página dois. Os nomes dos editores, repórteres, ilustradores e designers, também na página dois, daquela época eram: Rocelma Campos, Antônio Carlos, Ana Paula Vitorino, Cláudia Lopes, Daniela da Paixão, Elisângela Nascimento, Gêza Maria, Luciene Dias, Patrícia Inocente, Raquel Mourão, Rogério R.R, Simone Meireles, Víbia Camargo, Gilson Afonseca, Cleomar Gomes Nogueira.<sup>13</sup>

Na edição de número um, publicada em outubro de 1995, vem com Edmundo, ex-jogador do Palmeiras, estampado na capa. Ana Paula Vitorino, Carla de Oliveira, Cláudia Bernal, Cláudia Lopes, Claudomiro Lino, Elisângela Nascimento, Gilson Afonseca, Israel Silva, Maristela Vitória, Marta Aguiar, Rocelma Borges Campos, Rodrigo Craveiro, Rodrigo Hirose, Rodrigo Peixoto, Rogério R. R., Sérgio L. Gomes, Tatiane Pimentel, eram os redatores da primeira edição do jornal. A ilustração era feita por Gilson Fonseca e a arte final do jornal por Cleomar Gomes Nogueira<sup>14</sup>.

O periódico possui 14 reportagens divididas em editoriais de Economia, Brasil, Cidade, Universidade, Ensino, Reforma Agrária, Meio-Ambiente, Humor, Saúde, Esporte, Religião, Prostituição, Literatura.

Os exemplares analisados possuem vinte páginas, cada um, e não contém um expediente explicando, explicitamente, qual era o objetivo do jornal. Segundo Nilton Rocha, o objetivo estava mais que óbvio. Os alunos queriam produzir além daquilo que eram mandados, queriam publicar suas produções que faziam com prazer e dedicação. Assim sendo, ele completa:

Curso de jornalismo , no meu entender, se constrói e se alimenta nesta determinada inquietação de dizer , ainda que por linhas tortas, o mundo em que se vive. Este era o eixo principal, dizer o mundo como sugere Freire. Narrá-lo ainda que correndo todos os riscos de ousar interpretar determinadas coisas. Em resumo, o eixo central era ter uma prática de jornalismo enquanto disciplina que, na época, era um valor importante dentro do debate e articulação das escolas de jornalismo, articuladas dentro da CONEJ – Comissão Nacional de Melhorias do Curso de Jornalismo, e do seu encontro, o ENOL – Encontro Nacional dos Órgãos Laboratoriais de Jornalismo. Há muita efervescência, muita articulação dos cursos no país e uma clareza de que as melhorias efetivas viriam de recursos

<sup>13</sup> Estudantes do curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo, no ano de 1995.

<sup>14</sup> Estudantes do curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo, no ano de 1995.

do MEC, mas, sobretudo, de nossa disposição, criativa e coletiva, para o trabalho jornalístico aqui dentro da escola.<sup>15</sup>

A prática laboratorial se faz importante na vida de estudantes que cursam disciplinas práticas, como a produção de um jornal. A ex-aluna, agora professora, Luciene Dias, em entrevista, diz que a entrada da turma no laboratório foi muito importante, pois, os alunos percebiam que o espaço de produção se fazia quase que como um ateliê. O jornal, literalmente produzido à mão, desde a ilustração, a escolha do papel a fonte e os tipos que seriam colocados, envolviam a turma no processo de elaboração do periódico.<sup>16</sup>

Na mesma entrevista, Luciene Dias completa dizendo,

A gente mesmo que distribuía. O sentimento quando alguém recebia o nosso produto pronto e foleava o sentimento que a gente tinha é de que valeu a pena. Embora a circulação fosse limitada, as edições eram limitadas, mas no nosso micro universo do ICHL as pessoas sabiam que existia e liam. E a gente escrevia naquilo que acreditávamos e acreditávamos que era um jornalismo de qualidade. E O populacho tinha a missão, assim como todos os laboratórios, de produzir um material que não seja facilmente perecível. O populacho conseguiu juntar essa turma que era tão diferente, tão diversa em torno de uma produção que diz da gente e assim, marcar uma época.

O nome do jornal, escolhido pelos alunos, se deu a partir de uma aula, realizada pelo professor Nilton Rocha. Subverter o hegemônico era a ideia principal para que o nome se consolidasse. Os alunos fizeram história, assim como diz Marialva Barbosa, que devemos observar os particularismos, as repetições, os vestígios, os restos que o passado legou ao presente. E, sobretudo, os anônimos (BARBOSA, 2014, p.1).

Luciene Dias, em entrevista, ressalta que a forma como o estudante de jornalismo, no laboratório de pesquisa, pensa hoje é diferente. Como professora, Luciene Dias completa enfatizando que é um grande desafio resgatar o sentimento de pertencimento dentro do laboratório,

O grande desafio de um laboratório hoje é fazer com que cada estudante que está ali se sinta pertencente a um grupo que está tentando elaborar um material comum e isso é muito complicado hoje em dia, pois as linguagens são outras, mas a alma dentro do laboratório é a mesma.

Como estudante e agora pertencente ao mundo discente, Luciene Dias confirma a importância do jornal laboratorial na sua vida acadêmica dizendo que o laboratório foi a experiência de integração mais forte, durante a graduação.

<sup>15</sup> Entrevista realizada no dia 16 de fevereiro, por Dayane Borges.

<sup>16</sup> Entrevista realizada no dia 29 de Janeiro, por Dayane Borges.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os jornais laboratoriais são grandes oportunidades para os estudantes de jornalismo conhecerem a redação. É um momento de experiência, de prática, e essencial no curso. O curso de Jornalismo já é muito conhecido pela prática, e com certeza esse é um dos momentos mais esperados, em que os estudantes podem conviver com o trabalho e com o ritmo dos jornalistas formados. Além disso, é um momento de liberar a criatividade, já que os jornais laboratoriais fazem parte de um jornalismo mais experimental, menos deturpado pelo mercado de trabalho. Ele precisa, claro, obedecer a todos os critérios para ser um jornal, com a atualidade, a periodicidade, a objetividade, mas tem mais liberdade para inovar e instigar os alunos.

Além do prazer de participar e de se sentir membro de um laboratório, o aluno pode moldar sua maneira de escrita a partir daquilo que aprende em sala de aula. O Populacho, assim como outros jornais laboratoriais que foram surgindo ao longo da história do curso de Jornalismo na UFG, marcou a vida de alunos que escreviam naquela época e continua marcando os novos estudantes que passam a conhecer um pouco do que a história de escrita dos alunos, que hoje são professores e profissionais no mercado de trabalho.

O jornal O Populacho, assim como outros jornais laboratoriais, nasce a partir da vontade dos alunos de querer expressar aquilo que eles eram. Escrever as reportagens, não priorizadas por outros jornais comerciais, fazia com que os estudantes e a população que conheciam o jornal, pudessem ler textos sobre assuntos variados e atuais. Com uma leitura de fácil compreensão, o jornal trazia a maravilha do bom jornalismo.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, Marialva. **Como escrever uma história da Imprensa?** In: II ENCONTRO NACIONAL DA REDE DE CARVALHO, 15 a 17 de abr. 2014, Florianópolis. Anais... Florianópolis: UFRGS, 2004, p. 1-11.

CURSO de Jornalismo da UFG: destaque na comunicação brasileira. Disponível em: <[https://www.ascom.ufg.br/n/39183-curso-de-jornalismo-da-ufg-destaque-na comunicacao-brasileira](https://www.ascom.ufg.br/n/39183-curso-de-jornalismo-da-ufg-destaque-na-comunicacao-brasileira)>. Acesso em: 01 de mar. 2016.

DIAS, Isabel; BERNARDES, Sthella. **Luta marca criação do curso de jornalismo da UFG.** Disponível em <<https://webnoticias.fic.ufg.br/n/9059-luta-marca-criacao-do-curso-de-jornalismo-da-ufg>>. Acesso em 01 mar. 2016.

LOPES, Dirceu Fernandes. **Jornal-laboratório: do exercício escolar ao compromisso com o público leitor.** São Paulo, Summus, 1989.

MAIA, J. F. (Org.). **Jornalismo UFG**. Editora: Goiânia. 2010. p. 11-13.

MAIA, Juarez Ferraz de; Ricardo Pavan; FARIAS, Sálvio Juliano (orgs). Apresentação. In: \_\_\_\_\_. **Estudos Contemporâneos em Jornalismo**: Coletânea 3. Goiânia: CEGRAF UFG, 2017, p.7.

MELO, José Marques de. O ensino de jornalismo no Brasil. In: **O ensino de jornalismo**: documentos da 4ª semana de estudos de jornalismo. São Paulo, ECA/USP, 1972.

MELO, José Marques de. Implantação da imprensa no Brasil. In: \_\_\_\_\_. **História Social da Imprensa no Brasil**. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2003, p. 87-151.

NEPOMUCENO, Maria de Araújo. **A informação Goyana**: seus intelectuais, a história e a política em Goiás (1917-1935), 1998. Disponível em: <<http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe2/pdfs/Tema4/0424.pdf>>.

NEPOMUCENO, Maria de Araújo. **O papel político-educativo de A Informação Goyana na construção da nacionalidade**. Goiânia: Editora da UFG, 2003.

NETO, João Carlos de Brito. **Trajatória e desafios do ensino de comunicação em Goiás**. 1998 p.145, p.146. Disponível em: <<https://repositorio.bc.ufg.br/bitstream/ri/1638/1/22754-96131-1-PB.pdf>>. Acesso em 02 fev. 2016

OLIVEIRA, Dennis de; RODELLI, Patrícia. Jornal-laboratório: prática extensionista articulada com a dimensão ética do jornalismo. **Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo**, Brasília, v.1, n.1, p.106-125, abr./jul. 2007. Disponível em: <http://www.fnnpj.org.br/rebej/ojs/viewissue.php?id=6>

ROCHA, Nilton. **Por que o Cegraf falhou**. In: Jornal O Populacho. 1995, capa.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

TELES, José Mendonça. **A imprensa matutina**. Goiânia: CERNE, 1989.

THOMPSON, John B. **A mídia e o desenvolvimento das sociedades modernas**. In: \_\_\_\_\_. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. Trad. Wagner de Oliveira Brandão. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 47-76.

VIEIRA JÚNIOR, Antônio. **Uma pedagogia para o jornal laboratório**. Tese de doutorado. São Paulo, USP, 2002. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/17272445/VIEIRA-Jr-Uma-pedagogia-para-o-jornal-laboratorio#scribd>> Acesso em: 17 fev. 2016.